

Desmistificando o “mito” Paulo Freire

No livro “Pedagogia liberal versus Pedagogia freireana”, escrevi que os educadores brasileiros elegeram Paulo Freire como o patrono da Educação e jamais se inquietaram com sua profunda admiração por líderes comunistas, como Che Guevara, Fidel Castro e Lenin, nem com sua orientação pedagógica de viés marxista, especificamente sobre a ideia de exploração e de luta de classes. Parte disso deve-se à mentalidade coletivista que acompanha o gosto da maioria das pessoas que não se importa muito com a liberdade individual e parte, à formação de tendência socialista/estatista, que é a predominante nas universidades e, no caso da Pedagogia, é a única com a qual os estudantes têm contato.

As ideias de Freire doutrinam professores, os quais as reproduzem aos estudantes há décadas e são tidas como o que há de excelência em Educação. Os educadores jamais se importaram, por exemplo, com o fato de que o pensamento freireano, da forma como trata o tema da opressão — e por basear-se na admiração de líderes socialistas e nas ideias marxistas —, estimula o ódio aos ricos, à riqueza, às liberdades individuais e à propriedade privada, tratando o indivíduo como vítima do processo histórico, e não como alguém capaz de construir o próprio destino. Aliás, tal discurso é a base da defesa da tal *inclusão social* que, no fundo, é um culto à violação da autopropriedade (o corpo), dizendo que você deve aceitar com resignação à violência de criminosos porque eles são vítimas do processo histórico. Isso deixa as portas

abertas para a violação das demais propriedades.

Em seu livro “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire se dedica a uma análise da opressão sofrida pelas pessoas sob a tutela do Estado mercantilista, intervencionista e oligárquico, como o que temos historicamente no Brasil. Embora a crítica a esse Estado seja correta, já que ele é realmente um ente controlador e inimigo da liberdade e do crescimento pessoal, a solução apontada por ele é pior do que a situação que então se vivia (e se vive!). Ele não propõe uma saída por meio de um Estado liberal (clássico), que defende o indivíduo como o governo da própria vida e o agente mais interessado e capacitado a atender às próprias necessidades ou, o que seria muito melhor, por meio da defesa do fim do Estado para que, no seu lugar, tivéssemos livre mercado e relações espontâneas entre as pessoas (anarcocapitalismo). O que ele propõe é uma Revolução, por meio da escola, para levar à construção de um novo Estado, o Socialista, baseado nas experiências soviética, cubana e nas ideias de Marx. O professor seria o agente a serviço dos grupos de esquerda para formar estudantes-guerrilheiros, capacitados a fazer nascer esse Estado vermelho.

E, em seu livro a “Pedagogia da autonomia”, o assunto desenvolvido vai pelo mesmo caminho, pois, por detrás da evocação da independência como condição humana a ser alcançada, Freire revela um nítido interesse de que o estudante use esse qualificador natural

como práxis para lutar como um ativista político em defesa da justiça social, numa clara transgressão do que seja a autonomia como o direito autoevidente de governar-se a si mesmo com plena liberdade de buscar a felicidade. Na realidade, seu discurso ilude com a apropriação semântica de termos com fins manipuladores do tipo uma Novilíngua, de 1984 (livro de George Orwell), em que as palavras são utilizadas para traduzir algo totalmente diferente da semântica original e, claro, porque se vivia em um contexto de Guerra Fria, a ilusão do discurso de esquerda enganou aos educadores com uma proposta de libertação que não se sustenta, porque socialismo/estatismo é a maior tradução da opressão.

De novo, Freire não queria o fim desse capitalismo estatal (que ele considerava opressor – e que realmente o é) em prol de um livre mercado, mas, sim, o surgimento de um opressor muito pior, o Estado socialista. Assim, ele utiliza o termo “oprimido” ao sabor de uma semântica inclusive cristã, persuadindo a que aceitassem sua proposta de libertação dessa opressão. E a solução fica explícita: a cubanização do Brasil. Assim, ele utiliza o termo autonomia, que é a condição natural dos seres de viverem sob o próprio governo, distorcendo o sentido para que signifique *a coragem de lutar em prol desse projeto revolucionário*.

Creio que a orientação da Educação baseada nesta pedagogia é um atentado contra a subjetividade e o individualismo de muitos estudantes interessados em empreender, em trabalhar em uma profissão ou

simplesmente em viver alienados desse esquerdismo hegemônico.

Por meio da criação de um alterego, um pedagogo liberal, o livro “Pedagogia liberal versus Pedagogia freireana” propõe, então, um debate com as ideias freireanas, mostrando que há outro jeito de pensar a Educação, em que a liberdade não seja apenas uma palavra retórica e pintada com sofismas ideológicos, mas o princípio e o fim do processo educacional, pois verdadeiramente livre é aquele que possa viver desobrigado de qualquer autossacrifício em prol de causas sociais, como o discurso socialista da igualdade e da “conservação” dos problemas do mundo quer impor, mas com o direito natural de viver um projeto pessoal de vida.

Uma educação sob a ótica libertária não aceita as intervenções da escola socialista e coletivista de nossos dias, que se impõe contra os valores da família e promove um massacre à subjetividade e às liberdades individuais dos estudantes. Que põe em risco a primeira e mais importante propriedade, que é o corpo, colocando na cabeça dos estudantes que é errado se defender; que ele, na verdade, deve tentar salvar os criminosos que violentam sua vida, porque são excluídos da sociedade; que é errado prosperar financeiramente porque isso é egoísmo e que quem tem posses tirou de alguém.

Estamos diante de um nome que virou uma espécie de Mao Tsé Tung da educação, para o qual celebram frequentemente um culto à personalidade nos congressos educacionais. Enquanto esta for a raiz de nossa educação, os

frutos serão os que estão aí: estudantes que se dizem ativistas ambientais e sociais, militantes políticos, que estão o tempo todo gastando tempo e neurônios para supostamente melhorar o mundo (coisa que é o livre mercado que faz), e quando voltam para casa, no final do dia, vão ter de lidar com as reclamações de seus pais que estão cheios de contas a pagar e que, creio, no íntimo, esperam que eles, ao invés disso, gastem o tempo cuidando das suas vidas, estudando mais e se preparando para o trabalho ou para abrir um negócio.

Noé Amós Guieiro é professor de língua portuguesa, pedagogo e Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). É Fundador do Instituto Liberdade Individual e autor de “Educação sem Estado”, “Guia Politicamente Incorreto sobre o que se Aprende na Escola”, “Pedagogia Liberal versus Pedagogia Freireana”, “Coisas que você Aprendeu na Escola que podem estar atrapalhando sua vida”, “Por que não gosto dessa Educação” e de outros livros publicados na Amazon.br e na Amazon.us.